



ACADEMIA JOINVILENSE

1969

Suplemento Literário

HEKADEMEIA

10

RAZÕES DE ESCREVER - 2

Vol. 2 – No. 8 – Joinville, agosto de 2017

ACADEMIA JOINVILENSE DE LETRAS

Hekademeia Vol. 2, No. 8

SUMÁRIO

Maria Cristina Dias – <i>Minha forma de expressão</i>	5
Ronald Fiúza – <i>Somos todos escritores</i>	10
Marinaldo Silva – <i>Por que me tornei escritor?</i>	17
Salustiano Souza – <i>Nascimento de garranchos e rabiscos</i>	23
David Gonçalves – <i>Meu tio Fonseca</i>	29

HEKADEMEIA é forma original e mais antiga da palavra *Akademia*. Era um bairro distante pouco mais de um quilômetro da Acrópole de Atenas, dedicado ao herói grego *Akados* (em latim *Academos*) e à deusa *Palas Atena*, uma planície onde havia jardins e bosques sagrados de oliveiras. Ali *Platão* possuía um terreno, no qual reunia seus discípulos para transmitir-lhes seus ensinamentos. Daí surgiu, por evolução, o conceito de *Academia*, como um lugar e uma congregação onde se reúne a nata da intelectualidade local.

HEKADEMEIA é um Suplemento Literário mensal, publicado pela Academia Joinvilense de Letras, para possibilitar a comunicação de seus acadêmicos com os leitores em geral de todo o mundo lusófono. Soma-se, assim, aos livros-coletânea ENSAIO e à revista ENSAIO, seus parentes AJL mais volumosos e de maior circulação.

Este décimo número de Hekademeia serve para que nossos acadêmicos contem como foi que eles começaram, cedo na vida, a se comunicar por escrito. Quais foram os motivos que os levaram a se tornar escritores profissionais? E como se deu, para eles, o desenvolvimento da arte e da técnica de escrever, a ponto de trazê-los, um dia, para dentro do ambiente de uma Academia de Letras.

Cada um deles e delas tem uma história diferente, muitos e muito diversos foram os caminhos e as circunstâncias que os tornaram escritores. O testemunho que seus relatos deixam nestas páginas serão de grande valor para os estudantes e para os escritores novatos.

E deixarão, também, uma pegada histórica para quando, no dia de amanhã, se contar a história da Academia Joinvilense de Letras e de seus acadêmicos escritores.

Alguns optaram por fazer curtos relatos biográficos, outros romancearam em parte esses relatos, como Salustiano Souza e David Gonçalves, que contam o que aconteceu em suas vidas de iniciantes mediante os caminhos do conto.



A Academia Joinvilense de Letras funciona, desde 2014, no belíssimo prédio histórico da Sociedade Harmonia Lyra, no centro da cidade – à Rua 15 de Novembro, 485.

Aí se desenrolam as sessões ordinárias e extraordinárias, os Cafés Acadêmicos, as Assembleias e, em seu Salão Nobre, a extraordinária Sala Mozart, os importantíssimos eventos artístico-literários, os SARAUS da AJL.

No terceiro andar desse colosso arquitetônico está a nossa sede, com a grande sala de reuniões, biblioteca e a sala de aulas, onde são ministrados nossos cursos e oficinas, tanto para acadêmicos, escritores e aspirantes a escritor em geral, como para estudantes do ensino fundamental e médio e do ensino superior.



MARIA CRISTINA DIAS

Maria Cristina Dias é jornalista, formada pela Universidade Federal Fluminense (UFF/RJ), pós-graduada em Marketing e Comunicação pela FGV/Sociesc e mestre em Patrimônio Cultural e Sociedade, pela Univille/Joinville. Como jornalista, desenvolve um trabalho contínuo de resgate da Memória de Joinville a partir de entrevistas e pesquisas em fontes primárias, como documentos e periódicos da cidade. É membro da Academia Joinvilense de Letras

É autora do livro “Se essas paredes falassem... – Um breve olhar sobre antigas casas que marcaram a construção de Joinville” (2011) e coautora dos livros “Henrique Loyola – Colecionador de Desafios” (2012) e “Uma Década de Evolução do Mercado Imobiliário – Núcleo das Imobiliárias da Acij” (2013). É produtora e editora das revistas biográficas “Dirce – 80 Anos” (2015), “O corpo que flui... e dança” (2016) e “Minha Infância durante a 2ª Guerra Mundial – Helga de Loyola” (2016). Produz publicações biográficas, permitindo que pessoas e famílias preservem a própria história.

Observadora de pássaros e fotógrafa da natureza, é autora da coluna de crônicas “Olhar Passarinho”, no Portal Fazer Aqui, na web (2017).

A MINHA FORMA DE EXPRESSÃO

Eu era bem pequena, tão pequena que nem lembro quantos anos tinha. Talvez cinco ou seis, sei lá. Já sabia ler, com certeza. Quando entrei no jardim de infância, aos cinco anos, as freiras da escola, que já haviam dado aulas para a minha mãe e a minha tia, logo perceberam que eu estava no lugar errado e me “pularam” de série – fui direto para a alfabetização, terminar o processo que ninguém até hoje sabe bem como começou.

Enfim, deve ter sido por essa época que dei para minha mãe um pedacinho de papel arrancado de algum caderno, onde podia-se ler “A fora-fora”. Era algo entre uma pequena crônica e um poema, que contava a história de alguém que trabalhava muito, que tinha muitos afazeres, que estava sempre fora, que se desdobrava para dar conta de tudo.

Era a “fora-fora”. Fiz para a minha mãe, professora, que estava sempre às voltas com seus alunos e livros, equilibrando no dia a dia – como nós hoje e tantas outras mães e pais que conhecemos – a profissão, a vida doméstica, o cuidado com quem amamos.

Deve ter sido ali, diante daquele pedacinho de papel, que me dei conta de que há coisas que eu não sabia falar, mas que conseguia escrever. Desde então, a escrita tem sido a minha principal forma de expressão.

Falar nem sempre é fácil. A gente engasga, tosse, as palavras somem, os sentimentos atrapalham tudo. A gente mete os pés pelas mãos, se enrola, às vezes diz até o que não devia – ou devia, mas não podia.

Mas escrever, não. Na escrita, os pensamentos fluem de forma concatenada, organizada, pronta. Escorrem pelos dedos e caem no papel (tá, eu sei, hoje em dia é no computador, mas a sensação é a mesma) já conversando com o leitor e prendendo a atenção dele.

Lembro que quando era repórter do AN Cidade, o suplemento local do jornal ANotícia (SC), chegava da rua com a cabeça parecendo um turbilhão, com as ideias alimentadas pelas muitas coisas que tinha visto, perguntado, apurado por aí. O chefe de redação, então, me perguntava o que eu tinha trazido. Claro, ele precisava pensar na pauta, hierarquizar a informação, saber com o que podia contar para a edição do dia seguinte. E eu, com essa cabeça que só se organiza com uma caneta ou um teclado, falava para ele: “me deixe escrever”. Pegava a minha caneca de café e escrevia. Rápido, como faço até hoje.

Geralmente de uma vez só. E quando ele voltava para saber, afinal, o que eu tinha feito durante todo o tempo em que estive fora, a matéria já estava pronta, com título, lead e ponto final. Muito mais simples.

Ao longo da infância e da adolescência a escrita era essencialmente ficcional. Alimentava-me com os livros da biblioteca (lembra quando a gente pegava livros na biblioteca?) e podia me jogar no sofá a tarde toda sem pena de ver o tempo passar – afinal, eu tinha tanto tempo pela frente que nem pensava nisso.

Dessa época, talvez o mais marcante e que de certa forma impactou a vida até hoje foi a obra de Érico Veríssimo, com sua narrativa clara e fluida, capaz de entrelaçar pessoas e lugares em um universo que, no fim, era um só.

E escrevia, escrevia, escrevia. Poemas, crônicas, redações variadas que muitas vezes só serviam para eu tentar entender o mundo a minha volta. Diante disso, na hora de escolher uma profissão, sabia bem que a escrita deveria ser o ponto central dela.

A prática jornalística, de certa forma, me afastou da ficção por uns bons tempos. Escrevia o dia todo, todo dia. Encontrava histórias e pessoas reais tão ricas e surpreendentes que achava que nenhuma personagem ficcional poderia se equiparar a elas.

Histórias de vidas, de cidades, de fatos inesperados que quebravam a rotina do dia a dia. Do passado e do presente. Desenvolvi um olhar atento (porém generoso) para isso, que me rendeu a percepção de que cada um traz em si uma boa história, que merece ser contada.

Há algum tempo, comecei a fazer o caminho de volta. De volta para onde, nem sei bem, confesso. Talvez de volta para aquela menina de cinco, seis anos, que ousava mirar a realidade a sua volta e recriá-la como ficção para tentar entendê-la, processá-la do seu jeito. Aos poucos estou me permitindo (a duras penas) me apropriar das histórias que encontro pelo caminho – tantas, tantas - e reinventá-las na forma de crônicas e talvez até contos.

E este momento, que deveria ser o parágrafo final desse texto sobre como comecei a escrever, consolida – por escrito, bem entendido – a descoberta de que estou recomeçando a brincar com as palavras.



RONALD FIÚZA

Ronald Moura Fiuza, é brasileiro, nascido em 03/06/1948. Casado, 2 filhos, é médico em Joinville desde 1973.

Teve formação escolar no interior e na capital de Minas Gerais; residência em Neurologia e Neurocirurgia na Santa Casa de Belo Horizonte; especialização em Neurocirurgia no Hospital Universitário de Munique, Alemanha; mestrado em Neurociências e Saúde mental em Barcelona, Espanha,. Tem pós-graduação em Administração Hospitalar (UNAERP) e pós-graduação em Terapia Cognitivo-comportamental (USP)

Foi presidente da Sociedade Brasileira de Neurocirurgia de 98 a 2000. É membro da Academia Catarinense de Medicina e membro da Academia Joinvilense de Letras.

O Dr. Ronald fiúza foi Secretário de Estado da Saúde de Santa Catarina de 95 a 97. E também:

Delegado brasileiro junto às Federações Mundial e Latino-americana de Neurocirurgia, Presidente do Departamento de Neurologia e Neurocirurgia da ACM, Diretor superintendente e clínico do Hospital São José de Joinville, Presidente da Associação de Hospitais do Estado de Santa Catarina, Vice-presidente da Federação Brasileira de Hospitais, Membro de 15 sociedades científicas, sendo 4 internacionais. Organizador de 12 congressos, sendo 4 como presidente. Conta com 90 trabalhos científicos produzidos.

Participação em 27 congressos e cursos internacionais, e em 135 congressos e cursos no Brasil; estágios diversos no Brasil, Alemanha, Suíça, EUA, Japão e Inglaterra. Tem sido diretor e conselheiro de associações, cooperativas, fundações e hospitais e recebeu homenagens da comunidade, do poder público e de sociedades científicas.

Tem 3 livros publicados.

SOMOS TODOS ESCRITORES

Platão nos dizia que “quem ama verdadeiramente o conhecimento deve aspirar a toda a verdade, com todas as forças”. De onde surgiu essa necessidade tão forte de ser sábio? Vislumbrara Platão alguma verdade universal ou tratava-se simplesmente de reflexo da cultura da época? Por que alguns amam tanto o conhecimento e o buscam com tanta avidez? Como um deleite do espírito pode suplantam um gozo físico?

Acontece que, ao nos envolvermos com desafios, vamos atrás é de gratificações. No final das contas, o que nos mobiliza é o prazer. Se não for o prazer, é a dor.

Mas quais são as fontes reais de prazer? A sabedoria estaria entre elas? Quais são as coisas boas da vida?

As respostas dependem da natureza de cada um, mas algumas delas se destacam. Para muitos homens de hoje, por exemplo, um grande desejo é ser forte e musculoso, o mais respeitado do grupo. Mike Tyson, com sua força, conseguiu dinheiro, poder e diversão. No reino animal, aliás, a força é essencial. Para o leão e quase todos os carnívoros, o melhor da vida deve mesmo ser o mais forte. Assim, ele garante dominância no grupo, melhores leões e alimento diário. E, acima de tudo, ele exerce a aptidão maior de sua espécie: ser forte.

Para um leopardo, o melhor deve ser a velocidade, tornar-se o mais rápido. Sendo mais ágil, ele alcança mais presas, respeito dos pares e a alegria do exercício pleno de sua vocação felina. O campeão olímpico Usain Bolt e muitos

homens gostam certamente de ser rápidos e espertos. Se não é para chegar à frente, pelo menos é para não ficar para trás.

Talvez um pavão prefira antes de tudo ter uma bela cauda. Com a cauda bem aberta, ele impressiona as fêmeas, é mais pavão. Este também é o desejo de tantas mulheres, o de serem as mais bonitas. Alguns homens também.

Se perguntássemos a um bonobo sobre a melhor coisa da vida, ele não pestanejaria: É sexo! Estes chimpanzés pigmeus passam o dia todo copulando ou em brincadeiras sexuais de todo o tipo. Penso que poucas pessoas discordariam do gosto destes símios.

Entretanto, nos dias de hoje, há um enorme batalhão que garante que bom mesmo é ter dinheiro ou poder, pois, com qualquer um destes pode-se conquistar o resto.

Mas há ainda os que valorizam as coisas simples, o aqui e agora. Procuram ficar atentos ao que vem no momento e ficam felizes com um copo de água bem gelada, um travesseiro macio ou uma toaleta desocupada.

Vou repetir a pergunta: qual é a melhor coisa da vida, para você?

Peço permissão para lançar aqui candidatos pouco convencionais. Quero especular que, entre as melhores coisas da vida possam figurar coisas diferentes, como um ensaio intelectual, uma tentativa de entender as coisas ou o ato de criar.

Antes que se diga que esta tese é de gente mal sucedida, declaro minha admiração pelas opções dos bonobos e dos

outros animais. É mesmo muito prazeroso ser forte, esperto, bonito, rico e bem sucedido na vida sexual.

Acontece que o que diferencia o ser humano dos outros animais não é nenhum desses atributos, que são até muito bem distribuídos pela natureza. O que distingue a humanidade dos outros animais é a linguagem, a inteligência, o pensamento, o exercício pleno da consciência.

Mas isto dá prazer? Será que o ato de pensar e de falar pode ser chamado de “melhor coisa da vida”?

Bom, pode dar muito prazer também. Todos já ouviram falar da alegria enorme que sente o cientista ao ter o *insight* da grande descoberta, como Arquimedes na banheira. Todos conhecem histórias de artistas que se extasiaram com o momento em que surgiu a palavra certa para aquele poema, a nota adequada para completar aquela sinfonia, a inspiração da pintura. Não são prazeres virtuais. São físicos!

À procura destes momentos, cientistas e artistas ficam semanas ou meses isolados em seus estúdios ou laboratórios. Estes seres estranhos passam fome, frio e abstinências de toda espécie, alimentados só pela atividade mental frenética, inebriados pela ação criativa ou pela sua simples possibilidade.

A dopamina é a substância cerebral do prazer. Ela faz parte do sistema que recompensa o animal pela execução ou conclusão de um trabalho benéfico, para si ou para a espécie. Geralmente é alguma tarefa adaptativa. Assim, todos têm prazer ao se alimentar ou praticar o sexo. Da mesma forma, as pessoas têm prazer em exercer o pensamento livre, principalmente quando o seu fluxo é tão perfeito que signifique criatividade.

A aptidão física traz enorme prazer a todos nós, animais. A aptidão mental traz enorme prazer a todos nós, seres humanos.

É por isto que vivemos fazendo perguntas e procurando respostas.

As pessoas são muito curiosas e a maioria dos animais também é. Precisam ser. Devem conhecer o meio ambiente e procuram fazê-lo desde muito cedo. Aprendem onde há alimento e onde há perigo. Esmeram-se em reconhecer suas presas e seus predadores, assim como seus pares. São atentos, olham para os lados, correm, cheiram, experimentam. Quanto mais coisas passam a conhecer, mais espertos ficam. Ratos criados em ambientes ricos de estímulos criam mais conexões cerebrais e se dão melhor em testes de labirintos.

Os bebês também são curiosos desde o nascimento. Se lhes agitarmos um chocalho, mostram-se interessados. Cada estímulo novo lhes atrai a atenção. Crescem com o contínuo desejo de saber das coisas, movidos pelo impulso da novidade. Municiados pelas descobertas, desenvolvem cada vez mais habilidades. Quando crescem, passam a gostar de viajar, de conhecer lugares e costumes. Querem saber das notícias, das pessoas, adoram fofocar. Interessam-se sobre o funcionamento de tudo e aprendem a fazer perguntas, cada vez mais complexas.

A nossa espécie é consciente, pensa, planeja, pergunta, responde, descobre e inventa. É inteligente, sabe falar, escrever e calcular. Como seres evoluídos, os humanos sentem prazer quando exercem plenamente as funções que os diferenciam na natureza.

A curiosidade nos leva às perguntas e a dopamina nos faz procurar as respostas. Sempre foi assim. Antes mesmo de aprender a falar, nossos ancestrais descobriram que algumas pedras, com determinado formato, ajudavam a destrinchar as presas e traziam vantagens contra os inimigos. Assim inventamos o machado, a primeira ferramenta. A seguir observamos o fogo, fizemos experimentos, aprendemos a dominá-lo. Quando aprendemos a falar, tudo ficou mais fácil. Começamos a utilizar a mais importante ferramenta inventada pelo homem: a palavra.

Como usar melhor o machado? Talvez como uma lança. E o fogo? Talvez cozinhando os alimentos. Como diminuir a correria e o perigo desta vida de caçar e colher? Talvez plantando e domesticando animais. Como evitar que nossas histórias se percam? Talvez escrevendo. E assim continuamos a perguntar e, a partir de então, a escrever nossa história.

Somos todos, então, leitores e escritores. O envolvimento depende do prazer do ato e do retorno. Talvez eu tenha me tornado leitor no dia em que li, em voz alta, o nome de uma loja na rua, recebendo o abraço emocionado de minha mãe: “Você sabe ler”! Talvez tenha me transformado em escritor quando percebi uma lágrima provocada por uma carta que eu rabisquei. Senti que tinha algo a dizer.



MARINALDO DA SILVA E SILVA

A veia poético-artística de Marinaldo da Silva e Silva teve início em sua adolescência e foi lapidada pelo Grupo Zaragatta (um grupo de poetas que se reuniam regados de alegria e vinho), recebendo influências dos poetas Rubens da Cunha, Dúnia de Freitas, Rita de Cássia Alves e Ana Simões.

Aqueles encontros o levaram a publicar seu primeiro livro – O BEIJO DE MEPHISTO - em 2002, através do Périplo Literário. O que foi seguido pelos livros “Cânticos de Eva”, “Poesia para as crianças quando ficarem adultas”, “Adão Monossilábico”, “Quem são essas crianças que têm superpoderes”, “Nem Romeu Nem Julieta”, “A vida e suas Figuras”, “Amizade é coisa de ser pra sempre”, “Respostas para Tudo” e “O Livro que Fala”, seu último lançamento neste 2017.

Além do prazer como poeta-escritor, foi cronista fixo dos jornais A Notícia e Notícias do Dia, por quase 10 anos, publicando mais de 340 crônicas. Atua também como colunista da Revista Premier, com a coluna Mr. President.

Formado em Letras, atualmente é mestrando na Universidade Federal de Santa Catarina, na área da Educação. Já rodou o estado como oficinaireiro de expressão poética, mas foi no contato com os excluídos que produziu suas maiores criações, tornando escritores prisioneiros e pessoas da terceira idade, por meio de projetos continuados de literatura.

POR QUE ME TORNEI ESCRITOR?

Com a matéria prima de graça, sendo eu uma criança pobre, meu pai dizia que eu poderia me libertar e me tornar um homem melhor que um caminhoneiro; segundo ele, eu poderia, por meio da inteligência, ir a lugares mais longe do que ele ia em seu caminhão, transportando tubos pela antiga Transportadora Rodotigre.

Meus pais foram cruciais no estímulo à minha imaginação. E o mais bonito de tudo: foram sem serem intencionais, não sabiam exatamente onde aquela estrada daria, não tínhamos dinheiro pra pagar escolinha disso e daquilo, curso de inglês ou de artes marciais, escola de língua ou de música.

Na realidade, sequer tínhamos dinheiro pra livros. Meu contato com os livros se dava na escola (que naquela época não tinha biblioteca), na cartilha Caminho Suave e por meio dos vendedores, que vinham de carro e apresentavam grandiosas enciclopédias, que podiam ser pagas à prestação.

Minha mãe, semianalfabeta, como não conhecia o significado de palavras difíceis, mas, não queria passar a impressão de ignorante, inventava significados pra elas quando eu chegava e perguntava coisas que ela não sabia. Um dia li a palavra hidrômetro e achei que fosse uma profissão, então disse pra ela, "Mãe, quando crescer eu quero ser um hidrômetro", pois eu queria impressioná-la.

Então ela me disse que eu poderia ser o que quisesse, e hidrômetro parecia ser alguma coisa importante. Pensando ser adulto, ao movimentar dentro de mim palavras difíceis, eu

comecei a dizer pra todo mundo que eu seria um hidrômetro quando crescesse. Mas o mais impactante era que, quando mais adulto eu queria me mostrar aos outros, sendo um hidrômetro, mais criança eu permanecia.

Com meu pai o vínculo foi mais na veia. Ele, querendo uma vida diferente pra mim, sempre repetia que o conhecimento poderia me tirar dali: eu não entendia, porque na minha cabeça de criança eu adorava aquele DALI: o porco, as galinhas, o pé de grumixama, as tripas de galinha secando no sol, as sardinhas que meu pai pegava, defumando no forno a lenha, ver minha mãe cantando músicas caipiras enquanto estendia roupas no varal, ou quando passava e engomava o colarinho das nossas camisas.

Mas creio que fosse por causa das necessidades: da luz cortada algumas vezes, da televisão que só funcionava na base da porrada, do pedaço de queijo com pacotinho vermelho que ficava na geladeira, como uma tentação, esperando o dia que chegasse alguma visita, porque meu pai dizia que sempre devíamos deixar a melhor parte para os amigos.

Um dia, ele, meu pai, perguntou se eu queria ser o homem mais inteligente do mundo. Eu fiquei com medo porque achei que ele tinha visto meu boletim, já que eu não ia bem em matemática e era péssimo em contas de divisão com vírgulas. Quando voltou de viagem, semanas depois, perguntou de novo: Filho, quer ser o homem mais inteligente do mundo? Minha negativa dessa vez teve outro motivo: ouvi minha mãe falar pra minha tia que o Papa era o homem mais inteligente do mundo, porque ele falava "tudo quanto é tipo de idioma", segundo a conversa.

Na hora que meu pai perguntou lembrei que eu não queria ser Papa, porque queria casar com a Denise, que tinha 9 anos, e viver com ela para sempre. Não desistindo, meu pai perguntou pela terceira vez, depois de outro retorno, mas dessa vez eu aceitei.

Tudo porque minha mãe andava bem adoentada das vistas, como ela dizia, e não conseguia nem ver direito as imagens de um livro que a gente tinha chamado "Vida de Jesus". Era um livro de capa dura, com letras douradas, com a história de Cristo e muitas imagens em estilo renascentista.

Pra mostrar que eu vinha aprendendo muita coisa, passei a ler pra ela, na beira da cama, aquele livro sobre aquele homem que parecia, na minha cabeça, um super-herói, que tinha vindo pra salvar o mundo! E foi lendo-o, que percebi que tinha muita coisa ainda pra aprender, tantas palavras tinham ali que eu nunca tinha ouvido, parecia invenção.

Por isso aceitei o convite do meu pai e falei Sim. Ele me disse que iria viajar e quando voltasse traria algo que me transformaria no homem mais inteligente do mundo. Nos dias em que estive no Ceará, pra onde viajou, eu fiquei imaginando o que traria: um tapete mágico, uma lâmpada, uma caixa, uma varinha, uma poção, um feitiço que me transformasse num homem grande e barbudo.

Quando ele chegou vinha com uma caixa bem grande nos braços, tinha dificuldade pra carregar. Aquilo foi depositado na sala com todo cuidado. Nós dois ficamos olhando pra caixa, e ele me disse: Abra.

Eu abri, não sei se é força da imaginação que preenche as lacunas da memória, mas parece que me vejo fazendo aquilo

como um ritual, tão lento eu desenrolava as folhas de presente. Quando abri, me deparei com doze objetos que me fariam o homem mais inteligente do mundo. Ele ainda disse:

Cuide, pois vou pagar em dezoito prestações.

Eram DOZE LIVROS, duma enciclopédia chamada O MUNDO DAS MARAVILHAS. Aqueles livros foram uma revolução na minha cabeça. Meu pai tinha se sacrificado pra me transformar no homem mais inteligente, senão do mundo, mas pelo menos, do mundo a que ele pertencia: Rua Crispim Mira, número 25, bairro Guanabara.

De lá até aqui, eu descobri que foram as palavras que me tiraram dos sacrifícios financeiros da época, mas não me libertaram, graças a Deus, dessas histórias, das coisas da minha vida, dos protagonistas e também escritores da minha trajetória.

Descobri que sou um contador de histórias, qu'ê adoro contar histórias ou em forma de poema, ou em forma de crônica, até mesmo história para criança, só não gosto mesmo das histórias para boi dormir. Gosto de contar histórias para preservá-las. Gosto de inventar histórias, inverter histórias, fazer parte delas. É pra contar histórias que me tornei escritor.



SALUSTIANO DE SOUZA

SALUSTIANO LUIZ DE SOUZA nasceu em Itajaí, SC, vindo radicar-se, desde criança, na cidade de Joinville, onde reside até hoje.

Leitor assíduo desde tenra idade, possui formação acadêmica em Economia e Direito, com especialização nas áreas de Economia Industrial, Direito Empresarial e Direito Previdenciário.

Exerce a profissão de advogado, tendo sido o fundador e hoje sócio do escritório de advocacia Souza Postai Advogados Associados, de Joinville.

Com atuação profissional em diversas empresas, foi também professor universitário durante vários anos, lecionando nas áreas de Economia, Administração e Direito.

Publicou diversos artigos e contos em periódicos e jornais. É autor dos romances “O ETERNO BARNES” e “AS SETE LUAS”.

É o diretor financeiro da Academia Joinvilense de Letras

NASCIMENTO DE GARRANCHOS E RABISCOS

... Num dia qualquer no início de 1968...

- Cadê o resto da história? Voltando pela quase deserta estrada nova, hoje chamada Helmuth Fallgather, ali no Boa Vista, matutava a história lida em sala, no terceiro ano da Escola Primária Tupy. A professora trazia livros e líamos excertos. Dona Maria das Graças ficava impressionada com minha curiosidade. Na “sabedoria” dos meus quase 9 anos, exigia ler a história completa.

Agora, estava eu ali, deslumbrado com a quantidade de livros dentro daquele ônibus-biblioteca. Dona Maria das Graças parecia deleitar-se com meus olhinhos brilhando. Tirou um lindo livro de capa brilhante e desenhos coloridos e me apresentou:

- Você vai gostar desse.

Comecei então, na companhia de Monteiro Lobato e seu sítio maravilhoso, minha grande aventura pelo mundo dos livros.

... Num dia qualquer em meados de 1970

O Brasil ganhara a copa do México. As ruas estavam enfeitadas de bandeirinhas verdes e amarelas. Ia, com minha mãe, em passos rápidos. Ela, zeladora do banco Bameridus, precisava deixar o serviço pronto até as dez, quando eles começavam a atender o público.

Hoje era um dia especial para mim. Recomendado pela professora, após sair do banco, minha mãe iria comigo na Biblioteca Pública, fazer minha carteirinha. Os ponteiros do

grande relógio do banco se moviam lentos, muito diferentes do acelerado de meu coração.

Quando, enfim, entrei na biblioteca e deparei-me, espantado, com as enormes estantes repletas de livros, sequer percebi o quanto havia de mundo a ser descortinado. Nesse dia tirei meu passaporte para as maiores aventuras de minha vida.

... Num dia qualquer em meados de 1971...

Estava quente naquela tarde pegajosa do terceiro ano ginásial. Estudávamos no prédio das Irmãs Canossianas, ao lado da Igreja Imaculada Conceição, no Boa Vista. Era o embrião do atual Colégio Presidente Médici.

A professora, baixinha de fala mansa, quase não conseguia dominar a sala. Aquelas cabeças adolescentes não se interessavam pela complicada matemática, com sua teoria dos conjuntos, relação de contidos e não contidos, e outras dificuldades mais.

Alheio a toda balbúrdia, e também à matemática, eu lia escondido. Mantinha o livro embaixo da carteira, com a cabeça abaixada, esquadrinhando a Ilha do Tesouro, de Robert Stevenson. Personificava-me no herói, perdido na ilha, com piratas no encalço, tudo parecendo perdido. De repente, um pirata vinha na minha direção, com seu olho de vidro e sabre apontado. Senti algo gelado na minha testa. Gritei.

- Que tens menino? Estás ardendo de febre!

A professora, preocupada, mandou-me para casa. Longe da bagunça, sentei-me nas escadarias do colégio e, junto com Jim, o herói, consegui fazer o bem vencer o mal.

... Num dia qualquer em meados de 1972...

O livro era empolgante: As Mil e Umas Noites. O Rei Shariar era terrível em sua vingança, mas a doce Sherazade o enfeitiçou com sua história sem fim. Aliás, enfeitiçou-me também, eu não conseguia parar de ler.

Era noite, eu ficava quietinho no beliche de baixo, próximo da luz de querosene, tentando ler o máximo que conseguisse. Meus irmãos pediam para apagar a luz, e eu, contrariado, tinha que obedecer. No escuro, a aventura martelava minha cabeça.

Quando achei que todos dormiam, acendi novamente a luz e fui encontrar-me com os personagens, que tremulavam nas sombras da lamparina. Minha alegria durou pouco, logo meu pai apareceu. Rispidamente me mandou dormir.

Mas como iria dormir se havia mil e uma histórias me esperando?

Após eternos minutos, levantei-me e, pé ante pé, fui para o terreiro. A lua cheia era linda, esparramando sua luz prateada, banindo as sombras para traz da cortina de mata. Sentado num tronco, com o livro aberto, fui convidado pela lua a recepcionar os personagens, que aos poucos foram povoando minha imaginação. O sono demorou a surgir.

... Num dia qualquer em meados de 1973...

Dona Bernadete era minha paixão. Acredito que, no fundo, ela também era apaixonada por mim. Eu tinha então 13 anos e cursava o terceiro ano do ginásio, no colégio das madres. Ela adorava minhas redações. Eu escrevia sobre amores impossíveis e revelações da alma, de beijos calorosos sob a luz do luar e andar de mãos dadas na beira da praia. Ela fazia questão de ler alto para todos na sala. Eu, apesar de orgulhoso, ficava corado.

Um dia, numa dessas rixas de saída da escola, o Júlio, brigão como sempre, me enfrentou. O primeiro argumento que usou calou fundo:

- Sua bichinha!

Abri os olhos. Deixei de fazer redação para a professora e comecei a escrever para as meninas da minha idade. Aprendi que, para não ser confundido, é preciso se reinventar.

... Num dia qualquer no início de 1978...

O dia foi duro. Vida de quartel: Acordar as seis, asseio pessoal, beliche impecável, exercícios físicos, treinar ordem unida, cuidar do uniforme da guarda presidencial, enfim, o dia tinha sido realmente duro.

Tinha ainda que passar o uniforme e já era nove da noite. As dez as luzes se apagavam. Abri um dos livros que mantinha em meu reduzido armário, eram meus tesouros. Encontrei a esquecida e pequena cartinha, num minúsculo envelope:

- Se quiser conversar com uma amiga...

Rememorei as festinhas na igreja do Boa Vista, os encontros “casuais”, a troca de olhares, as promessas de “sermos amigos”. Nasceu ali um poema.

Descobri que havia química na fusão da poesia com o amor. Descobri-me escritor.

E, para ter a inspiração por perto, casei-me com minha musa.

Outubro/2017



DAVID GONÇALVES

DAVID GONÇALVES [1952] nasceu em Jandaia do Sul, PR, e desde 1974 reside em SC. Professor universitário e consultor de empresas, ministra cursos e palestras sobre literatura, comunicação, liderança e marketing. Filho de pequenos agricultores, conviveu com os trabalhadores rurais e, dessa convivência, mantida até hoje, extrai a sua força literária. O seu primeiro livro [1972], *As flores que o chapadão não deu*, foi recolhido pelo regime militar e permaneceu 16 anos na gaveta. Atualmente, tem sucessivas edições.

Recebeu o prêmio OTHON GAMA D'EÇA, 2008, da academia Catarinense de Letras, pelo conjunto de suas obras. Segundo Gilberto Mendonça Teles, da PUC-RJ, “No panorama da literatura brasileira, a obra de David Gonçalves ocupa lugar especial e de relevo; é uma das mais importantes da atual ficção, estando no mesmo nível de escritores consagrados.”

Recentemente, publicou cinco histórias infantojuvenis: **A vaca no quarto andar**, **A mulher barbada**, **Adorável Margarida**, **Sapatos de capim** e **Por seus olhos**. A Literatura tem sido seu ideal valioso desde a infância.

A crítica literária considera **O SOL DOS TRÓPICOS** (romance), **GERAÇÃO VIVA** (contos) e **SANGUE VERDE** (romance) os pontos fortes de sua obra. Neste ano de 2017 lançou o romance **PÉS-VERMELHOS**.

Diversas teses de mestrado e doutorado já foram realizadas sobre sua obra, em especial *Geração viva*, *O sol dos trópicos e Sangue verde*. Em 2015, o ensaísta e poeta José Fernandes publicou um livro – **A arte de narrar de David Gonçalves** – no qual examina os contos e romances do autor num panorama completo.

DAVID GONÇALVES tem como princípio não participar de concursos literários.

MEU TIO FONSECA

FOMOS VISITAR O TIO FONSECA. Uma visita bárbara. Ele morava na cidade vizinha, numa propriedade distante, entre morros e um riacho de águas turvas. Era irmão do pai. O fordeco velho gemia no barro mole. Em troca de uma dívida antiga, o fordeco veio parar em nossas mãos.

Tio Fonseca estava bêbado. Sentado no varandão, o garrafão de cachaça ao lado, dizia coisas do arco da velha, em voz alta.

– Esses meninos são extraordinários, Antonio! Eles viverão um tempo novo, cheio de sabedoria – e me olhava, sorrindo. – Esse daqui se parece comigo quando criança... É o David? É mesmo, acertei na mosca! Está crescidinho. Com certeza já tem cabelinho nos debaixo! Ah, ah, como ficou envergonhado! Eu também tinha muita vergonha...

O pai quis mudar de assunto:

– E, aí, mano, o que vai plantar este ano?

– Nem pensei ainda... Estou aborrecido com a política agrícola. Os preços despencaram. Mas os insumos subiram o dobro. É possível isto? Então a gente planta só pra tratar das multinacionais e do governo... Coitados desses boias-frias...

– Coitados?!

– Eles querem terra e vão tê-la. Mas, e daí? Morrerão de fome do mesmo jeito. Não há política agrícola. Então não haverá crédito. Percebeu? E, assim, mesmo que tenham seu pedacinho de terra, nada farão. Nada é a condição. Depois, os tempos estão mudando: máquinas potentes invadirão o campo e o balão dos empregos murchará. Quem ficar só com as forças das mãos, conhecerá mais miséria... Nas fazendas, não ficará mais ninguém. Só as máquinas poderosas!

O resto do assunto não ouvi. O tempo estiara um pouco. Eu e o Mauro saímos num breve passeio. A propriedade era mal cuidada. Pomar e plantações estavam no mato.

– Ele mora sozinho? – perguntei.

– A tia morreu há anos e os filhos foram embora.

– Deve ser ruim...

– O quê?

– Morar sozinho num lugar como esse...

Em seguida, voltamos. Começara a chover. Tio Fonseca mascava tabaco e cusparava azedo. E bebia mais um gole. A mãe fizera café na cozinha e agora nos servia. Tio Fonseca não quis. “A melhor água do mundo é a destilada!” – e riu de forma escancarada.

– Fico contente! – disse e me olhou. – Os dois estão estudando. É isso! Por favor, coragem, não abandonem os estudos. Esse país precisa de cultura. Estamos numa merda porque o povo é burro. Há muitas riquezas por aqui, mas a burrice não deixa ver. O mundo das enxadas já se foi. Vem, agora, o mundo dos computadores. Todo mundo andar­á com um pequeno computador nas mãos. Será um mundo bem melhor...

Entrou porta adentro e trouxe três grandes cadernos.

– Vejam! É um livro! Estou quase no fim.

Um livro esquisito. Escrito a mão. Puro garranchos, letras miúdas e tortuosas.

– Vai ser pancada. Não tem nada parecido. Faz anos que venho escrevendo. Aqui, nestas páginas, tem de tudo! Até solas de sapatos e ilusões perdidas!

E ria. O pai calara-se. Olhava, do varandão, as terras mal cuidadas. Terras boas e naquela situação: ervas daninhas prosperando.

– A arte é tudo; por isso, eu vivo. Já dizia Hipócrates: “A arte é longa, a vida é breve”.

E caiu num silêncio mortal. Quase nada disse após essa confissão. Mais cachaça bebia.

– Está na hora. Vamos embora!

Pelas estradas enlameadas o fordeco gemia e deslizava. O pai estava preocupado:

– A cachaça vai liquidá-lo...

– Por que ele masca tabaco? – perguntei.

– Que cheiro horrível! Azedo... Me dá enjojo – reclamou a mãe.

– Gosto não se discute. De uma coisa é certa: se este país fosse feito por homens assim, o mato tomaria conta de tudo e nós voltaríamos a viver como selvagens.

– É verdade que está escrevendo um livro?

– Você não viu, seu bobo?! – Mauro falou.

– Pra que livro? O que ele vai fazer com um livro? – engrossou a voz o pai. – Isso não dá comida pra ninguém. Ele devia, sim, é estar cuidando de suas lavouras. Vocês viram? Ervas daninhas por todo lado. Por Deus do céu, se vocês dois estiverem estudando pra ficar igual ao Fonseca eu me envergonharei. Aquilo não é vida. Até parece que ele perdeu a ambição! Fala de um mundo que não existe. Máquinas, computadores...

– Ah, ele não quer ser mau – interferiu a mãe. – Só acho que está faltando uma mulher naquela casa. Que cozinha imunda. Quase não tive estômago para fazer o café. Moscas, moscas e moscas! Faz anos que ele não varre a casa.

– É o que digo: de que adianta ficar escrevendo livro? O homem tem que agir. Nem parece meu irmão...

A conversa parou por aí. O fordeco encalhara. A carroceria resbalara no barranco. “Mais essa, agora! Todos pra fora. Só no braço essa coisa sai daqui!” – ordenou o pai.

PRÉDIO DE ESQUINA OU DO MEIO DA QUADRA?

QUANDO CHEGOU à casa do professor, do portão, ouviu os sons do piano. Anoitecia rapidamente. Bateu à porta e o professor, deixando o piano, veio prontamente recebê-lo. O longo e magro crânio por baixo de um chapéu de pano deixava-o parecido com um réptil encapuzado. Os olhos tinham, também, um brilho e uma expressão de lagarto. Olhar caído e reflexivo revelava uma alma ressequida, pungente e amargurada. Aborrecera da História. Os vencedores e dilapidadores a contavam como queriam. As verdades estabelecidas eram ditadas na base da espada e canhões sanguíneos. Na História moderna, a bomba atômica... Até mesmo Heródoto, o pai da História, ficaria horrorizado com a História latino-americana. Ditadores contratavam os melhores historiadores e narravam o que bem queriam, tantas coisas fantasiosas, do ouvir dizer às mentiras elaboradas. Um tecido de mentiras...

Pobre Cícero! “A História... testemunha dos tempos, luz da verdade, vida da memória, mestra da vida, arauto da antiguidade.” Dizia isso porque não sabia da História do Brasil e dos países latino-americanos.

– Vive-se a História de hoje como um pesadelo do qual cada vivente está tentando acordar...

Era, pois, um homem que não mais acreditava na História. Para ele, a História era a ciência da infelicidade. Ela era feita mais com interpretações do que com dados. Era feita tanto pelos que venciam as lutas e detinham o poder como pelos que as descrevem.

O que lhe restava, então?

Sozinho na casa, longe do burburinho dos alunos, tinha a música como companheira. Mas, depois que os estranhos

havam quebrado suas mãos, tocava o piano com dificuldade, cometendo falhas, lacunas, e isto o deixava ressentido.

– Chá? Café? Água?

Gabriel optou por chá.

– Prefiro café. Fico mais aceso. Mas tenho insônia.

Seguiu-se uma conversa alheia e desencontrada. Sobre lavouras, o que plantavam na propriedade? Só café? Cultivavam horta? Vendiam na feira da cidade? Quantos irmãos? Nossa, dez irmãos! Que ninhada! Haviam estudado? Não. Todos viviam da terra. Ele era o caçula? Sim, a rapa do tacho.

– Sítio, o paraíso... Benditos os filhos da terra – exclamou o professor. – Os filhos do asfalto se distanciam cada vez mais da terra, nossa mãe. Em breve, o homem abandonará o campo e viverá na podridão das grandes cidades, em apartamentos minúsculos, casas de pombas, ou em favelas periféricas.

Gabriel sentia-se intimidado, ave fora do ninho. Olhava as paredes e via telas de diversos pintores, paisagens, caricaturas e homens e mulheres nus. Sobre a mesa, diversos livros de música, abertos.

– O que acha desses quadros? Interessantes?

Apreciava uns, achava outros ruins. Não sabia diferenciar a arte boa da ruim. Os quadros de nus chamavam sua atenção. Mulheres antigas eram gordas, rechonchudas, sem quadris...

– Ah, o livro... Vamos falar sobre literatura, então.

Fumava um cigarro atrás de outro, e xícaras e mais xícaras de café, a sala rescendia a café e cigarros.

– Seu romance parece uma colcha de retalhos – foi dizendo, enquanto baforava. – Tem altos e baixos.

Colcha de retalhos? Referia-se aos capítulos?

– As influências estilísticas, rapaz. Dá pra perceber, passo a passo, conforme o enredo avança, diversos autores presentes. Bons autores, sem dúvida, mas eles estão ali, feito missa de corpo presente. Ah, bem imitados, diga-se a verdade!

– ...?

– O bom leitor percebe Machado de Assis aqui, Eça de Queirós, Monteiro Lobato por lá, José Lins do Rego mais adiante, Jorge Amado, Graciliano Ramos... Só gente boa, mas estão ali vivos. Dá pra sentir até o cadáver de José de Alencar! E tem os estrangeiros também.

Uma carroça cheia de sacos de café dobrou a esquina, na rua calçada de pedras, e abafou as insinuações do professor. O rangido estridente dos aros de metal das rodas barulhava de encontro ao eixo.

– Me entenda, Gabriel, não se trata de cópias, mas de imitação estética inconsciente. Você leu esses autores e gostou, e teu subconsciente assimilou. Todo mundo faz isso de começo. Mas, depois, a gente tem que se livrar dos mestres e criar o próprio caminho.

Fumava e baforava e bebia café. A sala estava esfumaçada. Mantinha as janelas fechadas. Havia cheiro de bolor.

– É isso o que você quer?

Não sabia o que responder.

– Você quer ser escritor mesmo? Ou é apenas fogo de palha? Um desejo passageiro?

Outra carroça rolou no calçamento de pedras e a casa foi tomada por outro rangido estridente.

– Muitos jovens escrevem poesias porque estão apaixonados, mas não têm o dom. Escrevem porque se acham

tomados pela paixão volátil. Depois tudo passa e a realidade se impõe. É o seu caso?

Não sabia o que dizer. O cuspe secara na garganta. Havia um nó no pomo-de-adão. A língua ficara presa, a boca amordaçada.

– Mais chá?

Não queria. Meneou a cabeça como boi velho chacoalhando as grandes orelhas enrugadas.

– Decida. A Arte não é pra todo mundo. Não é amante compreensiva. Ah, se eu pudesse ter dedicado a vida à Arte! Tive que abraçar a História como sustento, mas a Arte está acima de todas as ciências – calou-se, encheu a xícara de café, tragou o cigarro. – É a vida.

Mais uma vez, Gabriel observou que o longo e magro crânio por baixo de um chapéu de pano deixava-o parecido com um réptil encapuzado. Os olhos tinham, também, um brilho e uma expressão de lagarto. Olhar caído e reflexivo revelava uma alma ressequida, pungente e amargurada. Sozinho, naquela casa, entre xícaras de café e dúzias de cigarros, deixava-se roer pela insônia. Talvez se sentisse como um condenado que não pudesse espantar dos olhos o verme que o roía.

– E pensa viver de quê?

– ...?

– Da literatura? Trate de arrumar uma profissão que sustente o esqueleto. Ou, então, será mais um a rolar pelas sarjetas. Acredite: neste país, quase ninguém lê. Os ricos de nossa região se vangloriam por não terem ido à escola. Pra que escolas? Dinheiro, eis o que importa. Não me assustaria se, algum dia, tivéssemos um presidente da Nação sem estudos, que viesse a se vangloriar que nunca leu algum tipo de livros...

Outras baforadas.

– Sou professor, mas, antes de tudo, músico. Nasci pra isso. Mas é o salário de professor que me sustenta. Estaria na sarjeta, mendigando, se dependesse da música. Veja estas mãos.

Suspendeu as mãos. Estavam trêmulas.

– Estão quebradas. Mal consigo executar algumas peças musicais. Quebradas! Por imbecis!

– Quem as quebrou? Não foi acidente?

– Ora, quem? Essa gente do Governo, que detesta quem possui ideias. Mas estou vivo. Isso que importa.

Longo silêncio. Mais café, outras baforadas.

– Seja o que for, rapaz, não desista dos seus sonhos. Não faça como eu fiz. Siga o caminho. Estou velho, as mãos quebradas. Você, não. Não abandone o teu ideal. Mas cuide do esqueleto. Do contrário, passará fome.

Outro silêncio se fez.

– Gostei do que escreveu. Mas o caminho é longo, com mais espinhos do que flores. Um galho de roseira para produzir algumas rosas possui centenas de espinhos. Ao desejar uma flor, a gente sempre se fere, e o sangramento, às vezes, é brutal, deixa marcas difíceis de serem apagadas. Mas, se quer ser escritor, não seja como prédio de esquina.

– ...?

– Seja prédio do meio da quadra.

– ...?

– Prédio de esquina tem muita fachada e poucos fundos. Já o do meio da quadra tem pouca fachada e muitos fundos. Conteúdo, rapaz! Livre-se da verborreia.

Calou-se pesaroso, quase sem fôlego.

– Agora, vá. Quero remoer os meus fantasmas.

Havia tristeza e esperança em seu rosto



NÃO HAVIA LUA.

Ah, gritou: que Deus, o senhor barbudo, de cajado, me ajude a conseguir o impossível.

Muros, barreiras, montanhas, encostas, rios revoltos. Ah, gritou: só o impossível me importa. E o grito ecoou sobre o vale – cidades, cafezais, pastarias, riachos, capoeiras, pedreiras, lodaçais, pirambeiras.

Não sabia o que queria dizer com isso. Estava, porém, decidido. Que as estrelas, brilhando no Infinito, escutassem seu apelo aflito.

Mas o que sentia, enquanto caminhava dentro da noite, era tão indizível e intransmissível como a solidão do vasto Infinito. Tantos mundos, todos ordenados, e ele, na rua semiescura, na solidão, cegamente, perdidamente, tateando às palpadelas.

Tão vasta a noite. Tão despovoada. Tão silenciosa. Ele, o presunçoso Gabriel, à procura do nada.

Montanhas tão altas. Muros tão altos. Barreiras tão altas. Sonhos tão altos. Ah, gritou: vinde a mim a coragem! E isto me bastará...

Cai o silêncio sobre a cidade e os campos. O vale se aquieta. As ruas brilham sobre o asfalto escuro e brilham já vazias, solitárias. Apagam-se as luzes das casas e os postes, um ou outro, iluminam o silêncio. Os cães estão dormindo. Os homens estão dormindo. A vida se aquieta.

Não há lua no céu. O ar dentro dele tem cheiro de poeira molhada; o ar da noite escura também. O espaço escuro e profundo estava todo pontilhado de minúsculas estrelas. Parecia

que estavam em eterna vigília. E a Terra girando, girando, crestada de montanhas e mares em movimento.

Diante dele, o grãozinho de terra, partícula esparzida no ar, a luta pela sobrevivência envolvida em tantos mistérios. Enquanto pensava, caminhava, e os outros habitantes da cidade e dos campos dormiam o sono dos justos. Por que ele não era igual a todos eles? Por que criava e sustentava grilos trinantes na cabeça? Sim, era um tolo. O homem não faz tantas perguntas e muito menos cria grilos trinantes na cabeça.

Ah, gritou: uma colcha de retalhos, a sua criação. Para ele, tudo estava escuro, como o Infinito. Tão escuro. Tão nebuloso. O beco sem saída. Escrever, ofício de solitários, de almas sofredoras, desconstruídas.

– Estou disposto a viver a escuridão dos solitários?

Suportaria?

Oh, Senhor, construtor dos mundos! Estou perdido neste mundão, ao deus-dará. Há tantas pedras no meio do caminho. Luz, Senhor, mostre as veredas e, então, eu seguirei.

Ah, gritou: meus sonhos são mais altos do que os muros, as muralhas, as montanhas, as encostas. Ah, Senhor, construtor de mundos...

MAS ISSO DÁ DINHEIRO?

OBSERVAVA o pai lavrando a terra. A vida inteira. Envelhecera no cabo da enxada e no arado. Desbravara o vale. Enfrentara onças, cobras, doenças. Entendia a terra. Não perdia tempo em questões filosóficas. O pai era um pé de café. Misturava-se com o cafezal verdejante.

Em seguida, começou a observar os pássaros. Esvoaçavam em bando. Que pássaros seriam? Voavam de um

lado para outro ao redor da copada da paineira em flor. O ar do entardecer, para o lado da lagoa, além do pomar, deixava o voo claro e lépido, os pequenos corpos trêmulos e dardejantes, a voar retilíneos e ziguezagueando sob o fundo do céu como se voassem sobre um lençol de espelho d'água tênue e vaporoso.

Voavam. Uma guinada. Uma investida encurvada. Uma ruflada de asas. Sempre em linhas retas e curvas, tecendo e preenchendo o vazio da tarde, girando incansavelmente ao redor da copada florida, com notas longas, estridentes e trinantes. Uma guinada. Uma investida encurvada. E pousavam.

O pai, já envelhecido, barba e cabelos brancos, voltava da roça, enxada às costas. O pai e os pássaros. O pai e a terra. Sim, eles se fundiam. Ambos não precisavam de Estética, Estilística, Filosofia, Latim... Não precisavam de Aristóteles, Platão, Pascal, Kant, Sartre, Isaac Newton, Darwin... Para eles, bastava saber das diferentes épocas e estações, porque isso fazia parte da ordem da vida e essa ordem da vida não precisava de Estética, Gramática, Literatura, Filosofia, Religião etc. Nem os pássaros nem o pai precisavam de um deus ou de outra coisa, senão a sabência das quatro estações. Por isso que padre Salvino, há anos, costumava frequentar a casa, em longas conversas, sem dissertar sobre religião, santos e devotos. Padre Salvino sabia que, para o pai, bastava a sabência das quatro estações. Não precisava de Machado de Assis, Monteiro Lobato, Jorge Amado, Graciliano Ramos, Guimarães Rosa, Drumond etc. Ele e a terra, a sabência das quatro estações.

Há dias o pai o chamara e dissera: “Filho, já que você gosta tanto de estudar, você precisa estudar pra ser advogado.” Estava no meio do terreiro e o pai no varandão. “Sabe, do jeito que o mundo vai, é bom ter um doutor na família.” Gabriel estacou no meio do terreiro, junto dos cachorros. Advogado? Um doutor? “A gente tem alguma economia guardada e pode

pagar a faculdade” – voltou a dizer o pai, entusiasmado. Goela seca, cuspe arranhando, não sabia o que dizer. “Mas...” Andou de um lado a outro no terreiro, até a bica d’água, lavando o rosto afogueado. O pai cultivava, secretamente, o sonho de ter um “doutor” na família. Mas ele não queria ser advogado. Se aceitasse, seria um frustrado para o resto da vida. Se dissesse o que pretendia, frustraria as aspirações do pai. O dilema. Mas, enfim, nutriu-se de coragem: “Pai, eu não quero ser advogado...” Viu o entusiasmo murchar no rosto enrugado. “O que você quer ser, então?” Com voz baixa e entalada, conseguiu dizer: “Quero ser escritor...” O silêncio entre pai e filho. Só se ouvia o vozerio da família dentro de casa e lá fora, no terreirão de café, os latidos dos cachorros e o alarido das maitacas cortando o azul do céu, talvez em direção ao milharal. “Mas isso dá dinheiro?” – a pergunta fatal. Titubeando, a sua resposta: “Eu não sei, pai. Mas é o que eu quero.” O velho se calou. Gabriel tremia, pesaroso. Não queria frustrar os sonhos do pai, o homem da terra, quem tinha a sabedoria das quatro estações e conhecia a lei da colheita.

HEKADEMEIA 11: *Cronistas*

No próximo mês, Hekademeia volta à seara dos cronistas. Foi assim que nosso Suplemento Literário começou, em Novembro de 2016, com o tema *Nossos Cronistas*, tendo a participação dos acadêmicos:

Apolinário Ternes
Carlos Adauto Vieira
Hilton Gorresen; e
Jura Arruda

Agora, em 2017, podemos contar com mais colegas acadêmicos que se dedicam a publicar crônicas nos jornais de Joinville e região:

Apolinário Ternes
Carlos Adauto Vieira
Hilton Gorresen
Joel Gehlen
Jura Arruda
Marinaldo Silva
Milton Maciel
Simone Gehrke

Suas crônicas marcantes farão de HEKADEMEIA 11 uma leitura agradável e instrutiva.

ACADEMIA JOINVILENSE DE LETRAS

PROGRAMAÇÃO DE SETEMBRO – 2017

Dia 12, terça, às 20 horas – Sessão ordinária e Café Acadêmico.
Na sede do 3º andar.

Dia 14, quinta, às 19:30 hs – Palestra “*Monteiro Lobato e sua Influência*” – Com nosso Sócio correspondente ENÉAS ATHANÁZIO – no Salão Nobre (Sala Mozart)

Dia 20, quarta, às 19:30 hs – Festa Gaúcha, com homenagem ao acadêmico Milton Maciel pelo conjunto da obra e lançamento dos seus livros “A GUERRA DE JACQUES” e “A ARTE E A TÉCNICA DO ROMANCE”.

Dia 23, sábado, das 9 às 17 horas – Oficina de CONTO – Com David Gonçalves – Na sala de aula, 3º andar.